

MATÉRIA DA BRETAGNA: DA FRANÇA AO OCIDENTE DA PENÍNSULA IBÉRICA

HEITOR MEGALE
Universidade de São Paulo

Foi no próprio século XIII que o poeta francês Jean Bodel, trovador da região de Arras, falecido por volta de 1210, autor de *La Chanson des Saisnes*, uma canção de gesta sobre as guerras saxônicas de Carlos Magno, forjou a expressão *Matéria da Bretanha*, para distingui-la da *Matéria de Roma* e da *Matéria de França*. A expressão, como se sabe, fez escola e apenas séculos mais tarde encontrou concorrente em outra designação: *Literatura Arturiana*.

A expressão *Matéria da Bretanha* não foi forjada para fixar o local de origem da escrita da matéria como sendo a Bretanha francesa, menos ainda para opor a esta a Grã-Bretanha, como às vezes se veicula entre nós, brasileiros, mas tão somente para especificar o assunto, o cenário e a produção, distinguindo-a por esses elementos das duas outras matérias de assuntos e cenários diferentes, cuja produção estava igualmente em voga na mesma época. Tal é o contexto em que Bodel forjou a expressão. Como assunto, poderíamos enumerar os bretões, Artur, Merlim, a tábua redonda, a cavalaria, as guerras contra os saxões, depois o Graal; como cenário, a Grã-Bretanha, a Bretanha francesa, esta um pouco mais ampla do que hoje, ambas com topônimos da época, alguns dos quais permanecem, enquanto outros, não sem alguma

dificuldade, permitem perceber-lhes a identificação atual: Escócia, Saxônia, Nortumberlândia, Galas, Norgales, Osinedot, Logres, Cornualha, Conturbel, Salaber, Sorelois, Lomblanda, Benoic, Gaunes, Gaula... Quanto à produção, os textos surgiram de ambos os lados da Mancha, primeiro em verso e posteriormente em prosa; nas línguas: latim, galês, normando, normando-picardo, bem como francês e inglês arcaicos.

Embora muito curiosa, a descrição dos textos não pode nos prender por ora, visto que é também muito extensa, porque nosso objetivo limita-se apenas àqueles que chegaram ao Ocidente da Península Ibérica. Interessam-nos então, imediatamente, as vias de transmissão desses textos. Na própria França, os romances em verso foram prosificados, à época em que era hábito organizarem-se as chamadas *Sumas*. Com propósitos inteiramente diferentes daqueles dos romances em verso, que se pretendiam episódicos, os romances em prosa caracterizam-se, desde o início, por ultrapassarem decididamente os parâmetros de uma geração, atingindo uma extensão, no tempo, capaz de delinear uma forte tendência para os grandes ciclos. Esses grandes ciclos passam a acolher temas, episódios, personagens e cenários, cuja existência anterior era perfeitamente conhecida; conferem-lhes nova organização, de modo a construir um conjunto muito vasto, dentro de uma coerência marcada, sem dúvida, por alguma linha ideológica muito bem definida. Houve duas prosificações da matéria em seu país de origem, a França. À primeira delas, denomina-se *Vulgata*, do latim. Como a própria palavra sugere, é a reunião dos textos que se tornaram de uso público, o que foi divulgado, os textos que se organizaram numa forma sistematizada para serem difundidos. Embora padeça de problemas ecdóticos, a edição que se tem da *Vulgata*, ainda hoje, é a que foi feita por Oskar Sommer, entre 1908 e 1916. Seus oito volumes estão assim distribuídos: v. I: *L'Estoire del Saint Graal*; v. II: *L'Estoire de Merlin*; v. III, IV e V: *Le Livre de Lancelot del Lac*; v. VI: *Les aventures ou la Quête del Saint Graal e La Mort le Roi Artu*; v. VII: *Supplément: Le Livre d'Artus*; v. VIII: *Index of names and places*. Muito pouco tempo depois da elaboração da *Vulgata*, uma nova compilação surgiu, de proporções muito reduzidas, numa sequência de três títulos: 1. *Estoire del Saint Graal*; 2. *Merlin*, com nova *Suite*; e 3. *Queste del Saint Graal*, a que se acopla, resumidamente, nos capítulos finais, *La Mort Artu*. Esta nova compilação, a *Post-Vulgata*, não pode ser lida, integralmente, em sua língua de origem, já por nunca ter sido editada, já porque dos manuscritos originais conservam-se tão somente fragmentos. Este fato só tem feito crescer a importância de sua transmissão fora da França. Fanni Bogdanow (1966) e Colette-Anne Van Coolput (1986), em trabalhos mais atualizados até o momento, levam-nos a este estema que, com clareza, traça as linhas de transmissão da matéria para a Península Ibérica:

Vulgata
Tristan-en-prose
(1a. redação)

Post-Vulgata
(1a. redação)

Tristan-en-prose
(2a. redação)

Post-Vulgata
(2a. redação)

Post-Vulgata
(Tradução ibérica)

Post-Vulgata
em espanhol

Post-Vulgata
em português

Esse modo de transmissão dos textos prosificados para a Península Ibérica, especificamente para seu Ocidente, somado ao fato de não se conservarem os manuscritos originais de que se fez a tradução, nem seu registro nas bibliotecas locais, suscita uma questão deveras importante: a tradução, veículo único de difusão da matéria, veio feita da França ou foi feita em Portugal, perdendo-se, em seguida, o manuscrito fonte e seu registro? Sobre essa questão, o artigo de Ivo Castro intitulado "Quando foi copiado o *Livro de José de Arimatéia?*", publicado no *Boletim de Filologia*, v. XXV, de 1979, lança luzes clarificadoras, apontando para um trabalho realizado em Portugal por um frade português da Ordem de Santiago, Fr. Joam Vivas, seguramente ao tempo de D. Afonso III, o bolonhês, que teria sido o introdutor do ciclo na Península Ibérica, aquando de sua vinda para destronar o irmão mais velho Sancho II, em circunstâncias que envolvem autoridades eclesiásticas em Portugal e fora do reino. Além dessa questão, Ivo Castro (1993) acena para o fato de os textos ibéricos, na qualidade de testemunho único de substanciais secções do ciclo escrito na França, mas sem original francês conhecido, permanecerem abertos a reavaliação e poderem mesmo guardar algumas surpresas, quanto ao papel que exercem na tradição manuscrita europeia, como um todo. Para tanto, é de inestimável valia a publicação da *Post-Vulgata*, trabalho metucioso de Fanni Bogdanow, pela Sociéte Anciens Textes Français (1990-3).

Que a matéria da Bretanha era conhecida no Ocidente Ibérico testemunham nossos *Cancioneiros*, a *Crônica Geral de Espanha*, na edição de Lindley

Cintra, agora terminada, com o volume IV impresso em 1990, bem como o *Livro de Linhagens*. Já que a *Vulgata* não teve divulgação no Ocidente peninsular, limitando sua influência à tradução de alguns fragmentos para o castelhano, para o catalão e para o aragonês, resta-nos conferir o que há de tradução dos demais títulos arrolados no estema acima referido, a ver se a via de transmissão que perseguimos se confirma. Do ciclo da *Post-Vulgata*, há o *Livro de José de Arimatéia*, que corresponde à *Estoire del Saint Graal*, há a *Demanda do Santo Graal*, e há o fragmento do *Merlim*. Fora do ciclo da *Post-Vulgata*, há o fragmento do *Tristan-en-prose*. O *Livro de José de Arimatéia* é o ms. 643 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, sua edição paleográfica, por Henry Hare Carter, data de 1967, e seus méritos têm sido reconhecidos por Ivo Castro (1993), o especialista que preparou edição mais modernizadora, colacionando o códice lisboeta com o fragmento castelhano e manuscritos franceses, entre os quais o de Rennes e o incunábulo parisiense de 1516. A *Demanda do Santo Graal* é o ms. 2594 da Biblioteca Nacional de Viena, que teve uma edição parcial em 1887, por Karl Von Reinhardstoëttner; a primeira edição integral, em 1944, por Augusto Magne, que, levando em conta sérias restrições feitas por Joseph-Maria Piel (1945), Pierre David (1945), e por Manuel Rodrigues Lapa (1948), executou a edição fac-similar, que veio a lume em 1955 (v. I) e 1970 (v. II); a edição de Joseph-Maria Piel e Irene Freire Nunes (1988) e a nossa edição modernizada (1988). Do *Merlim*, até 1979, além da declaração de sua existência no *explicit* do *Livro de José de Arimatéia*, só havia o registro de ter sido o livro no. 33 da Biblioteca do rei D. Duarte e o de no. 142 da Biblioteca de Dona Isabel, a católica. A Amadeu-J. Soberanas (1979), deve-se a descoberta, na Biblioteca da Catalunha, dos quatro fragmentos que serviam como reforço de encadernação à lombada de dois incunábulos impressos em Basiléia, em 1491. A datação de Soberanas, primeira metade do século XIV, é confirmada por Ramón Lorenzo, tanto quanto o fato de se tratar de texto escrito em Portugal, a se levar em conta o uso das palatais <lh> e <nh>, do pretéritos fortes: *disse, fez, quis*; das nasais arcaizantes: *bayas, camjo, con, ben, son, fossen*, bem como dos vocábulos *chus* e *meogoo*. Do *Tristan-en-prose*, cujo entrelaçamento com a matéria arturiana, à altura da primeira redação da *Post-Vulgata*, fica patente no estema que trouxemos acima, temos felizmente a edição de José Luís Pensado Tomé (1962), porque as duas folhas de pergaminho descobertas por Manuel Serrano Sanz e por ele editadas, em 1928, perderam-se. O trabalho de edição de Serrano Sanz incorreu em erro de localização, atribuindo o fragmento ao *Lancelot*, da *Vulgata*, e não reproduziu os fólhos, cuidado que não escapou a Pensado Tomé.

A seguir, nos deteremos, de início, em curtas passagens transcritas de edições seguras de diversas fontes primárias, para, numa segunda etapa, proceder a uma amostragem de cotejo do manuscrito vienense com as diversas lições impressas. O objetivo é aproveitar a oportunidade para observar de perto a transmissão dos textos. Vamos então às transparências:

(i) § 365. *O* (f. 175a), 343 (f. 82c), 112 (IV, f. 117d): Por Deu, itant me dites se vos avez encor veue la beste glatissant... Et veistes vos, dit Tristan, le chevalier qui la *suit*? Je l'ai oï loer trop durement de *chevalerie*.

D(f.122 b):... E vistes, diz Tristam, o cavaleiro que *anda* pos ella. Eu o oy muyto loar de *cavalaria*.

Tr.(T.f.345d):... Et veistes, fet il, le chevalier qui la *conduisoit*. Celui ai je oï loer trop durement.

A passagem ocorrente em diversos manuscritos franceses permite verificar a excelente solução do tradutor: *le chevalier qui la suit: anda pos ella*. Contrariamente ao que *conduisoit* significaria hoje, a idéia é de *ir atrás, perseguir*.

(ii) § 390. (*O*, f. 188d), 343 (f.89c), 112 (IV,f.122d): Li uns ne reconut l'autre, et nepourquant Galahaz l'eust bien coneu (343, 112: reconeu) s'il eust aporté (343:porté) l'escu de ses armes, *car mainte foiz l'avoit veu*. Et Eliezer tot maintenant q'il l'a ataint (343, 112:l'ataint)...

D (f. 131c): ... pero bem conhecera Galaaz Eliezer, se levava o escudo de sas armas, *ca muytas vezes o vira*. Tanto que Eliezer acalçou Galaaz...

Tr.(T, f. 353a): Nepourquant Gallad l'eust bien couneu s'il eust porté l'escu de ses armes. Eliezer tout errant qu'il l'ateint...

O imperfeito do indicativo pelo do subjuntivo, ilusoriamente considerado moderno ou característico do português do Brasil, está em pleno uso no código, a despeito de as duas versões francesas, ocorrentes aqui em diversos manuscritos, empregarem todas o tempo composto do subjuntivo: *s'il eust porté*. Na causal, o mais que perfeito *vira*, pela forma composta *avoit veu*.

(iii) § 393. *O* (f.190d), 343 (f.90c), 112(IV, f.124c): Et certes, de tant com j'en ai fait me (112:m'en) repent je durement (112: *om.* durement), non mie tant por ce que je sui bleciez *com* (112: que) *je faiz por la villenie que je* (112: j'en) *fis* et por la cortoisie que je trovai el chevalier.

D (f.132d) E de quanto fiz me pesa muyto, nom tanto porque soo chaguado *como polla vilania que y fiz* e pola cortesia...

Tr.(T,354a): Et de tant con g'en ai fet me repent je mout, non mie tant pour ce que je sui blechiez coume pour la courtoisie...

O inegável galicismo: *como polla que y fiz*. É sabido que as inúmeras traduções do francês, que vão muito além dos textos arturianos, transportaram para a língua portuguesa muitas construções nunca encontradas em documentação anterior. Mas depois, continuaram a comparecer na segunda fase do português antigo, como por exemplo nas Crônicas.

(iv) § 596. O (f. 220c), 343 (f.104d): “Et coment est ce, dit Palamedes, que il a la bataille m'apelle? Ja ne li ai je rienz mesfait.”— “*Ce cuit je bien, dit Hestor. Et neporquant vos lou je que vos vos en gardoiz.*”

112 (IV, f. 148a): “...Ja ne luy ay je riens meffait.”— “*Si avez, fait il, ce cuid. Et pour ce vous loue je que vous en gardés.*”

D (f. 181c): “E como me chama aa batalha, dise Palamedes, ca nunca lhi arrey.”— “*Semelha-me que asy e*”, dise Estor...

Tr. (T, f. 412a): “Et coument est ce, dist Palamedes, que il a bataille m'apele? Ja ne li ai ge riens meffet.” Et il dist: — “Pour ce lo ge que vous vous gardez.”

... *arrey*, com a diferença de -y para -i é a lição de Piel; em Magne 1944 e 1970: *errei*. Boa solução do tradutor para: *Ce cuit je bien / Semelha-me que asy e*, equivalente aceitável para o literal: *Isto cuidou eu bem*.

(i) § 366. O (f. 175b), 343 (f. 82d), 112 (IV, f. 117d): Endementres qu'il estoient en tex paroles, il oïrent (112: oyent) vers els venir *un cheval* qui honissoit et menoit si grant esfroi com se toute la forest deust debrissier avant lui, ne il ne venoit pas (343, 112 *add: mult*) grant oïrre. — “Ci vient estrange gent, dit messire Tristan, je le conois bien au cheval.”

D (f.122c): E elles em esto falando, ouvirom viir *huil cavalo* rinchando e viia passo...

Tr. (T, f.345d): En ce qu'il estoient en tieus paroles, il oïrent vers euls venir *un chevalier seur un cheval* qui hanissoit et menoit si grant effrois coume se toute la forest deust debrissier, ne il ne venoit mie trop grant oïrre...

A temporal: *Endementres qu'il estoient en tex paroles*, resolve-se perfeitamente com o gerúndio, outra ilusão de língua portuguesa moderna, ao mesmo tempo que é mais um infeliz exemplo de português do Brasil. Aqui mesmo, uma adjetiva também se resolve em reduzida gerundiva: *un cheval que honissoit / huu cavalo rinchando*.

(ii) § 374. *O* (f. 179c), 343(f.85a), 112(IV, f. 119d): Et lors li chiet maintenant el cuer que ce est li (112 *adds* tres bon) chevalier *qui les aventures* doit mener a fin ou Lancelot ou Tristan.

Tr. (T,f.348b): Lors li chiet u cuer que c'est li bons chevaliers *qui les aventures du roiaume de Logres* doit mener a fin.

D (f. 125b: Entom esmou em seu coração que este era o muy boõ cavaleiro *que avia a dar cima aas aventuras*, ou Lançeloc ou Tristam.

A expressão *dar cima*.

(iii) § 375. *O* (f. 180b-c), 343(f.85b-c), 112(IV,f.120a): “Veez ci dit Palamedes, messire Tristan qui m’asailli, et sanz raison. Il est bon chevalier, sanz faille, *assez meillor* que je ne sui, mes s’il estoit ore *le peior* chevalier dou monde et je l’avoie mené dusqu’a oltrance, si leroie je atant la bataille, puis que je le conois, car je sui cil qui en nulle maniere ne me combatroie encontre lui. Tele en est ore ma *volunté*.” — “Ce vos ferai je bien, si com je cuit”, dit Blioberis.

D (f.125d): “Vedes aqui, dise Paramedes, dom Tristam qui me cometeo tam sem razom. Sem falha, el e muy boõ cavaleiro, *muy melhor* ca eu, mais se fose *o peior* do mundo, e o eu tivese preto de venciido, eu lhe leixaria a batalha, pois o conhoço, ca eu soõ aquele que em ñihuã guissa nom me combateria com elle. Deus en sabe minha *voontade*.” — “E esto vos farey eu bem,” dise Blioberis.

Tr. (T, f.348c-d): “Veez ci monsieur Tristan, fet Palamedes, qui m’a asailli sanz reson. Et je sai bien qu’il est *assez mieudres* chevaliers que je ne sui. Mes s’il estoit ore *li mieudres* chevaliers du monde et je l’avoie mené jusqu’a outrance, si leroie je atant la bataille puis que gel counoistroie. Car je sui cil qui en nule maniere ne me doi combatre a lui. Tele est ore ma *volenté*. *Pour coi je vous pri que vous faciez demourer ceste bataille et l’en priez a vostre pooir*.” — “Ce ferai je volentiers,” fet Blioberis.

Outro galicismo arcaico de alta frequência: *Deus en sabe minha voontade*. Mas esta passagem interessa muito mais como reveladora das vias de transmissão. O primeiro itálico: *assez meillor* está em todos os manuscritos franceses aqui mostrados, sejam os da *Queste*, seja o do *Tristan-en-prose*, e a tradução ibérica acompanha; o segundo itálico: *le peior* já não confere no ms. do *Tristan: li mieudres*; a tradução fica com os manuscritos da *Queste*; a menção de Deus em: *Deus en sabe minha voontade* não está nestas fontes, corre por conta do tradutor, mas, curiosamente, a última frase do fragmento português é literalmente a do manuscrito do *Tristan*, embora não tenha sido traduzido todo o período anterior, o penúltimo, no caso, da passagem.

(i) § 374. O (f.179c), 343 (f.85a): Et neporquant messire Tristan n'estoit mie tant grevez *com li chevalier*, qu'il estoit de greingnor force. Et por le grand pooir qu'il sentoit en lui, se merveilloit il trop coment li chevalier se pooit tant estre tenuz encontre lui.

112 (IV,f.119d):...tant grevés *com le chevalier* estoit. Et pour le grant pouoir que estoit en luy se merveilloit il...

D (f.125a-b): e pero Tristam nom era tam mal treito *como ho outro cavaleiro* ca era de mayor força. E polla gram siira que em si sintia maravilhou-se...

Tr. (T,f.348a):...tant grevez *con li autres chevaliers*, car il estoit de greigneur force. Et pour le grand pooir qu'il sentoit en soi se merveilloit il...

Se houve contaminação do *Tristan* na passagem anterior, esta agora parece confirmar: o itálico em português *como ho outro cavaleiro* traduz literalmente o manuscrito tristaniano, e não os outros tantos da *Demanda*.

(ii) § 376. O (f.181b), 343 (f.85d), 112 (IV,f.120c): Sire, de vestre corroiz me poise, mes sachiez que cist chevalier avoit *tant fait* que, se je le lessasse morir la ou je le peusse rescorre, a mauvestié le me peust l'en atoner.

D (f.126c): De vosa sanha me pessa, mais sabede que este cavaleiro *fez tanto por mim*, que, se o eu leixasse morrer hu o acorrer podese, todo o mundo mo teria por mal.

Tr. (T,f.349b) Or sachiez que de vostre courrouz me poise il durement, mes sil avoit ja *tant fet pour moi* que [se] gel lessasse ocirre la ou jel peusse rescourre, a grant mauvestié le me peust l'en tourner.

Nesta passagem, o tempo verbal composto dos originais franceses, passa a simples no português, mas o que há de literal deve-se ao manuscrito do *Tristan* e não aos da *Queste*.

(iii) § 383. *O* (f.185b), 343(f.87d), 112 (IV, f.122b): En tex paroles chevauchent *celui soir* li dui compaignon dusqu'a un petit chastel qui seoit en une montaigne. Leienz furent herbergié *celui soir* et servi mult richement.

D (f.129b): En esto falando, cavalgaarom todo *aquel dia* taa que cheguaarom a huã castello pequeno, que stava em huã montanha. Allii foram muy bem servidos.

Tr.(T,f.351b): En tiex paroles chevauchierent *celui jour* li dui compaignon jusqu'a.i. petit chastel qui seoit en une montaigne. Leenz herbergent *celui soir* et furent servi richement.

Novamente o gerúndio, o que nos dispensa repetir os comentários anteriores. Quanto a *aquel dia*, o único manuscrito que traz *celui jour* é o do *Tristan*.

Essa breve seleção de passagens colhidas exatamente em pontos polêmicos aponta, enquanto amostragem, para uma comprovação daquilo que Ivo Castro sabiamente anunciou como surpresas que o cotejo reserva aos estudiosos, na tradição manuscrita européia da matéria da Bretanha. Ousei trazer hoje aqui, para vosso júzo, um dos segredos de minhas pesquisas mais recentes. As conclusões estão portanto ainda um pouco distantes, mas podemos juntos desconfiar a que poderão nos conduzir. Não é um Guimarães Rosa que disse, pela boca de Riobaldo: "Eu quase que nada não sei, mas desconfio de muita coisa?"

Referências bibliográficas

- BOGDANOW, Fanni. *The Romance of the Grail. A study of the structure and genesis of a thirteenth-century Arthurian prose romance*, Manchester, New York, Manchester University Press, 1966.
- BOGDANOW, Fanni. *La version Post-Vulgate de la Queste del Saint Graal et de la Mort Artu*, Paris, SATF, v. I, II, IV-1, 1991; v. III, IV-2, 1993.
- CARTER, Henry Hare. *The Portuguese Book of Joseph ab Arimathea*, paleographical edition, Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 1967.
- CASTRO, Ivo. *Livro de José de Arimatéia. Estudo e edição do cód. 643 do ANTT 643*, diss. doutor. inédita, Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1984.
- CASTRO, Ivo. "Quando foi copiado o *Livro de José de Arimatéia?*", *Boletim de Filologia*, 25, 1976-1979, p. 173-183.
- CASTRO, Ivo. "*Demanda do Santo Graal*", "*Livro de José de Arimatéia*", "Matéria da Bretanha", "*Merlim*". *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, org. e coord. Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, Lisboa, Editorial Caminho, 1993, respectivamente p. 203-206, 409-411, 445-450 e 456-458.
- CASTRO, Ivo. "Sobre a data de introdução na Península Ibérica do ciclo arturiano da Post-Vulgata" *Boletim de Filologia*, 28, 1983, p. 81-98.
- CINTRA, L. F. Lindley. *Crónica Geral de Espanha de 1344, I-IV, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1951, 1954, 1961 e 1990.*
- DAVID, Pierre. "Augusto Magne: *A demanda do Santo Graal*". *Bulletin des études portugaises et de l'Institut français au Portugal*, nouvelle série, X, 1, 1945, p. 235-239.
- LAPA, Manuel Rodrigues. "*Augusto Magne: A demanda do Santo Graal*", *Nueva Revista de Filología Hispánica*, II, 1948, p. 285-289.
- MAGNE, A *Demanda do Santo Graal*, dois v. de texto e um de glossário, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, INL, 1944.
- MAGNE, A *Demanda do Santo Graal*, I e II, ed. fac-similar, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, INL, 1955 e 1970.
- MEGALE, H. A *Demanda do Santo Graal*, texto modernizado, São Paulo, EDUSP, TA Queiroz Ed., 1988, 2a. ed. 1989.

- MEGALE, H. "Arqueologia e comparação", *Boletim da APML* (Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário), 9, 1989, p.4-7.
- PIEL, Joseph-Maria. "Anotações críticas ao texto da *Demanda do Santo Graal*", *Biblos*, XXI, 1945, p. 175-206.
- PIEL, Joseph-Maria; NUNES, Irene Freire. *A Demanda do Santo Graal*, Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1988.
- ROSSI, L. "*Livro de Tristan*" *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, org. coord. Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, Lisboa, Editorial Caminho, 1993, p. 414-415.
- SERRANO Y SANZ, Manuel. "Fragmento de una versión galaico-portuguesa de *Lanzarote del Lago*" *Boletín de la Real Academia Española*, LXXIII, 1928, p. 307-314.
- SHARRER, Harvey L. *A Critical Bibliography of Hispanic Arthurian Material*, I, Londres, Grant and Cutler, 1977.
- SOBERANAS, Amadeu-J. "La version galaico-portugaise de la *Suite du Merlin*" *Vox Romanica*, 38, 1979, p. 174-193.
- SOBERANAS, Amadeu-J. "A versión galego-portuguesa de la *Suite du Merlin*. *Grial*, 76, 1982, p. 215-217.
- SOMMER, Oskar. *The Vulgate Version of the Arthurian Romances*, 8 v., Washington, The Carnegie Institute of Washington, 1908-1916.
- VAN COOLPUT, *Aventures querant et le sens du monde. Aspects de la réception productive des premiers romans du Graal cycliques dans le Tristan en prose*. Leuven, Leuven University Press, 1986.
- VON REINHARDSTOËTTNER, Karl. *A história dos cavalleiros da mesa redonda e da demanda do santo Graal*, Berlin, A. Haack, 1887.
- TOMÉ, José Luís Pensado. *Fragmento de un Livro de Tristán galaico-portugués, edição e estudo*, Santiago de Compostela, Cuadernos de Estudios Gallegos, anejo XIV, 1962.